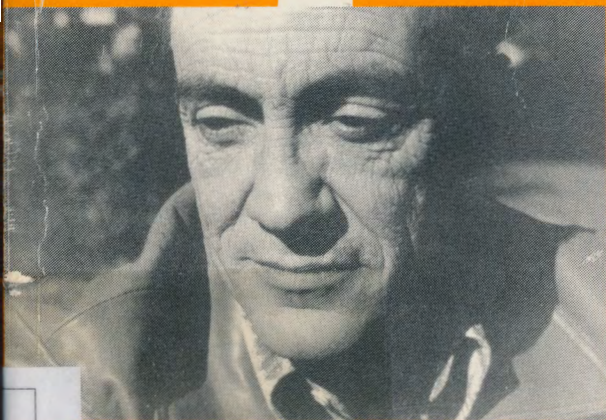


coleção **TEATRO VIVO**

jaime
salazar sampaio



duas peças:
**FERNANDO
(TALVEZ) PESSOA
O SOBRINHO**

fernando (talvez) pessoa

11

EM APÊNDICE:

Viagem com Fernando Pessoa(s)

ou Fernando (talvez) Pessoa

por Taborda de Vasconcelos

De Pessoa às personagens via Salazar Sampaio,
e vice-versa

por Luiz Francisco Rebello



PLÁTANO EDITORA

título:

FERNANDO (TALVEZ) PESSOA
O SOBRINHO

autor:

JAIME SALAZAR SAMPAIO

direitos reservados:

PLÁTANO EDITORA, S.A.R.L.
Av. de Berna, 31-2.º Esq. — LISBOA

arranjo gráfico:

GABINETE TÉCNICO DA PLÁTANO/LFP

edição:

TV-832-82

fernando
(talvez) pessoa

PERSONAGENS

PEDRO (Fernando Pessoa, Botto)

JORGE

JU (Criança, Botto, Ophélia)

1.º HOMEM

2.º HOMEM

CAEIRO

CAMPOS

REIS

SOARES

PROFESSOR

ALMADA

CARNEIRO

FIGURANTES (Palhaços e Apalhaçados,
Rancho Folclórico, Ardinas, etc.)

1.ª PARTE

À esquerda baixa uma mesa de trabalho, bem iluminada. Sentados à mesa, Pedro, Jorge e Julieta (a Ju), três elementos do Grupo Independente de Teatro (em organização). Parecem bastante jovens.

Em cima da mesa há um telefone, um pequeno ficheiro metálico; alguns dossiers, livros e muitos papéis, desarrumados. A mesa tem várias gavetas.

Pedro, Jorge e Ju tomam café, em silêncio. Jorge, que usa óculos, consulta um dossier. Pedro e Ju olham-se, por vezes, furtivamente. Ju brinca com as pontas do lenço que traz ao pescoço.

Para além da mesa estende-se o «Informe Labirinto», imerso na penumbra.

JORGE (após um último golo, afastando a chávena e largando o dossier; tom reticente.) — Bom. Eu por mim não sei... (Impertigando-se.) Isto é...

PEDRO (*afastando a chávena*) — ...Eu também não sei.

JU (*afastando também a chávena*) — Enfim a verdade!... Não sabemos. (*Levanta-se. Levanta as chávenas da mesa e arruma-as num tabuleiro. Cantarolando.*) — Mas o café era bom. Era bom, era bom, era bom! Era muito bom.

JORGE (*entre dentes, tom mordaz*) — Razoável.

JU (*prosseguindo, tom ligeiro*) — Café em grão. Moído pela Ju. De saco. Café de saco. Mui-tíssimo bom...

JORGE (*num assomo de energia*) — Bem, meus filhos. Acabou o intervalo. (*Dá algumas passadas decididas e sonoras em torno da mesa. Estaca. Volta a sentar-se. Apoia os cotovelos na mesa e esconde a cabeça entre as mãos, abatido. Entretanto Pedro põe os pés em cima da mesa, reclinase para trás na cadeira, cruza os dedos sobre a nuca, mantendo os cotovelos afastados. Longa pausa.*)

JU (*pegando no dossier que Jorge estivera a consultar*) — Volto a ler tudo? (*Suspira, afectando resignação.*) Desde o princípio. (*Não obtendo resposta, abre o dossier e começa a ler.*) Ponto número um...

JORGE (*sem mudar de posição, citando de cor, numa lengalenga*) — A peça não pode ser um simples recital de poemas de Fernando Pessoa... (*Pausa. Com ironia.*) Já sabemos...

PEDRO (*também sem mudar de posição*) —
— Mas, por outro lado...

JU (*apontando uma passagem do dossier*) —
Ponto número dois.

PEDRO (*interrompendo-a, recita, em tom monótono*) — O espectáculo deve mostrar, de forma variada, harmónica e significativa, a obra do acima citado Fernando Pessoa... (*Boceja.*)

JU (*lendo o dossier*) — É uma peça de teatro. Tem uma estrutura. As cenas sucedem-se por determinada ordem, formando um todo. E os poemas, ou os seus fragmentos, enfim: os textos, surgem naturalmente, integrados nas cenas...

JORGE (*lúgubre. Sem mudar de posição*) —
Também já sabemos.

PEDRO (*idem*) — Saber, sabemos...

(*Longa pausa. Ju olha o dossier. Olha Pedro e Jorge, alternadamente. De súbito pouso o dossier, levanta-se e recita com ênfase, sem esconder uma pontinha de ironia.*)

JU (*recitando de cor*) —

«Tão cedo passa tudo quanto passa!

Morre tão jovem ante os deuses

Quanto morre!»

(*Retira uma caveira de uma das gavetas e exhibe-a. Pedro e Jorge, lentamente, desfazem as respectivas poses e olham para Ju. Esta mostra a caveira, primeiro a Jorge — que encolhe os ombros — e depois a Pedro — que sorri, levemente divertido.*)

JU (*mostrando a caveira*) —

«Tudo é tão pouco!

Nada se sabe, tudo se imagina.»

PEDRO (*acentuando o ar divertido*) — Força!
(*Jorge, contrariado, resmunga.*)

JU (*retirando uma rosa da gaveta*) —

«Circunda-te de rosas, ama, bebe

E cala.» (*Enfeita a caveira com a rosa, enfiando a haste da flor pelas órbitas.*)

«O mais é nada.»

(*De frente para o público, ergue a caveira enfeitada, acima da cabeça. Um tempo. Baixa a caveira. Faz uma vénia.*)

JORGE (*irritado*) — Mas que ideia foi essa?

JU (*com inesperada timidez*) — Era uma surpresa... Uma ideia minha. (*Voltando-se para Pedro.*) Gostaste, Pedro?

PEDRO (*pegando na caveira e observando-a. Levemente reticente.*) — Uma caveira florida... Porque não? (*Entusiasmado-se.*) Afinal de contas estamos no teatro. Hem, Jorge? (*O interpe-lado volta a resmungar. Um tempo.*)

PEDRO (*examinando a caveira*) — O crânio. A face. Os ossos do crânio. Os ossos da face. Uma rosa... Enfim: a última máscara. (*Brinca com a rosa. Volta a enfiar a flor na caveira.*) Máscara, para além das máscaras... (*Repõe a caveira em cima da mesa. Olha-a.*) Talvez. (*Um tempo. Rectificando a posição da caveira.*) Sim, talvez... (*Recitando, a meia voz.*)

«Tão cedo passa tudo quanto passa!

Morre tão jovem ante os deuses

Quanto morre.....»

JORGE (*interrompendo-o, impaciente*) — Mas porquê agora?... Nesta cena, aqui... porquê? (*Sarcástico.*) Uma ode de Ricardo Reis!... Assim... Sem preparação. (*Projectando o tronco para a frente e abrindo os braços.*) Atirada ao público... (*Endireitando-se. Tom severo.*) E quem não conhecer a Ode, hem? Quem não conhecer o Reis? (*Pausa. Um pouco mais calmo.*) Sim, porque vocês bem sabem: uma pessoa pode muito bem ter o curso complementar dos Liceus — completo! — sem conhecer o Ricardo Reis. Perfeitamente. Pode ser Deputado, sei lá... Dona de Casa, Co-

mendador, Dentista, Funcionário dos Correios... sem saber mesmo quem era o Fernando Pessoa!

PEDRO (*irónico*) — E aqui para nós, Jorge, se não for segredo... (*A meia voz.*) O Fernando Pessoa, afinal quem era?

JU — Quem era... ou quem eram?

PEDRO (*entrando no jogo de Ju*) — Alberto? Ricardo? Álvaro? Bernardo?

JU — Caeiro? Reis? Campos? Soares?... Todos eles... ou nenhum?... Um bocadinho de cada? (*Recitando.*)

«Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim
Ah, mas eu fugi.»

PEDRO (*pegando na caveira e olhando-a, recita*) —

«Deslembro incertamente. Meu passado
Não sei quem o viveu.» (*Um tempo. Com as mãos, atira a caveira a Ju, como se fosse uma bola.*)

JU (*apanhando a caveira*) —

«Não sei quantas almas tenho.» (*Passa a caveira a Pedro. Este apanha-a.*)

PEDRO —

«Ser eu não tem um tamanho.» (*Finge atirar a caveira a Ju mas Jorge põe-se de permeio. Fintando este, Pedro passa, entre Jorge e Ju, a correr.*)

PEDRO (*atirando a caveira ao ar repetidas vezes e voltando sempre a apanhá-la*) —

«Deixo ao cego e ao surdo

A alma com fronteiras

Que eu quero sentir tudo

De todas as maneiras.»

(*Passa, finalmente, a caveira a Ju, que a apanha, apesar de Jorge tentar interceptá-la.*)

JU —

«Viajar. Perder países!

Ser outro constantemente!»

(*Passa a caveira a Pedro mas Jorge intercepta-a.*)

PEDRO (*não podendo apanhar a caveira apossa-se da rosa que ficara em cima da mesa*) —

«Sou minha própria paisagem

Assisto à minha passagem

Diverso, móbil e só.»

JORGE (*a Ju, designando a caveira que tem na mão*) — Estou definitivamente contra!... Não é nada disso que a gente combinou... (*Resmungão.*) Um pouco de método, por favor... (*Estende a caveira a Ju, que a aceita.*)

Execução gráfica
da
TIPOGRAFIA LOUSANENSE
Lousã Março/1982